



Linguagem, autismo e formas de criar relação: conversa com Fernanda Cruz

Daniela Feriani[1]

Nessa roda de conversa, convidei Fernanda Cruz, professora no departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), para falar sobre os aspectos multimodais da linguagem e sobre interação social; a especificidade da linguagem no autismo; o lugar da dança na criação de formas de se relacionar com o outro; os alcances e os limites da inclusão de pessoas com deficiência; a linguagem como acontecimento, experiência e modo de engajamento, especialmente quando se trata de interagir com pessoas autistas, acolher diferentes existências, alargar mundos.



Fernanda tem graduação em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde também fez mestrado e doutorado. Tem pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Unisinos. Foi professora visitante na Universidade da Basileia, na Suíça. É professora associada no departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenadora do Grupo de Pesquisa InCoMul (Interação, Cognição e Multimodalidade). Desenvolve pesquisas



principalmente nos seguintes temas: corpo, multimodalidade, interação corporificada, videoanálise, autismo, neurodiversidade.

Em 31 de março de 2026, conversei com Fernanda Cruz em um evento online que teve como título “Linguagem, autismo e formas de criar relação”. Este texto é a transcrição da entrevista [2]. Conheci Fernanda durante minha pesquisa de doutorado em Antropologia, com pessoas em processo demencial. Linguagem, corpo, comunicação não verbal, demência, neurodivergência são temas de interesse comum, o que fez com que a gente criasse algumas parcerias, como organizar eventos, escrever artigo, apresentar em congressos e workshops.

Nessa roda de conversa, convidei Fernanda para falar sobre os aspectos multimodais da linguagem e como eles contribuem para a compreensão da comunicação e interação social; a especificidade da linguagem no autismo; o lugar da dança, do corpo, das artes na criação de formas de se relacionar com o outro; os alcances e os limites da inclusão de pessoas com deficiência; a linguagem como desejo, acontecimento, experiência, experimentação e modo de engajamento, especialmente quando se trata de se relacionar com pessoas autistas, acolher diferentes existências, alargar mundos.

ClimaCom - Daniela Feriani – Gostaria de começar com você se apresentando.

Fernanda Cruz - Então, um pouco do meu percurso, a minha formação é em Linguística, eu sou graduada em Linguística pela Unicamp, onde eu também fiz o mestrado e o doutorado na área de ciências da linguagem. Nesse período do doutorado, eu também fiz um doutorado na Ecole Normale em Lyon, na França, um curso de linguagem, com uma professora que está aqui presente, fico muito feliz também em vê-la, a professora Lorenza Mondada. E na sequência dessa formação em linguística, em linguagem, eu me mantive trabalhando no campo das alterações, dentro de um guarda-chuva grande, que tem chamado as alterações linguístico-cognitivas ou condições linguístico-cognitivas específicas.

Meu trabalho inicial é no campo das interações envolvendo pessoas com demência de Alzheimer e também afasias, junto com a professora Edwiges Morato, que é da Unicamp, que tem uma longa tradição de trabalho nessa área. E, nos últimos anos, acho que os últimos quase 20 já, autismo, que foi um campo que veio surgindo para trabalho, ao mesmo tempo em que os diagnósticos ficaram mais precisos, que as políticas de inclusão começaram a avançar, ainda que precisem de mais avanços, em que a gente começa a receber, no ambiente escolar, da educação básica, mas também



da universidade, muitos estudantes autistas. Então, esse tema veio surgindo, mas ancorado num tipo de interação específico, as interações das quais participam pessoas autistas que não fazem uso da fala.

Isso acabou construindo meu campo maior de trabalho no campo do autismo. A Linguística, ela é o campo central, digamos assim, organizador das pesquisas, a Linguística interessada na linguagem, mas, centralmente, nas interações sociais. Aqui, a gente tem também uma outra colega, a professora Ana Cristina Ostermann, com quem eu fiz um pós-doutorado também nessa área.

Então, esse é o campo que eu me situo. Eu acho que a gente vai ter oportunidade, aqui, de falar dos encontros desse campo disciplinar com os outros campos de produção do conhecimento.

ClimaCom - Daniela Feriani – Muitas das suas pesquisas trazem uma investigação dos aspectos multimodais da linguagem. Quería que você falasse que aspectos são esses e como eles contribuem para a compreensão da linguagem de modo mais amplo, das formas de comunicação e de interação social.

Fernanda Cruz - Os trabalhos que eu tenho feito são centralmente interessados na interação, nas formas de interação com o outro. E os estudos do campo da interação, conhecidos como análise da conversa etnometodológica, têm concebido a interação como um local, um sítio bem privilegiado em que se constrói sociabilidade, se emerge sociabilidade, formas de cognição também, mas que a interação humana é primordialmente multimodal. Então, isso é muito diferente de falar, por exemplo, que o corpo fala.

Ou isso é muito diferente de imaginar, no campo, com condições linguístico-cognitivas específicas, você imaginar uma abordagem em que gestos, o corpo, o mundo material, são acionados como compensatórios de uma ausência de linguagem. A perspectiva multimodal das interações parte do pressuposto de que as interações são primordialmente multimodais e os participantes, para construírem as suas interações com o outro, mobilizam, mas não só mobilizam, dão visibilidade a um conjunto de recursos que são mobilizados de forma situada na interação para construir suas ações com o outro. Então, nesse sentido, tem uma orientação que é social, social no sentido de ação social.

E esses recursos, o recurso é uma noção central, eles são de natureza semiótica, ou sistêmica, muito distintas. A gente vai falar de recursos linguísticos, a sintaxe, a prosódia, a entonação, isso são recursos linguísticos. A gente vai falar de recursos materiais, os objetos que podem estar presentes no



ambiente mais imediato, no espaço, a gente vai falar do espaço, a gente vai falar do corpo, do corpo materialmente falando, do gesto, das posturas corporais.

A noção de recurso, de certa forma, é mais restritiva do que a noção de linguagem, porque eu vou falar de recursos de naturezas distintas, linguísticos, corporais, materiais e espaciais, só que os participantes, quando constroem coisas juntos, não só mobilizam esses recursos, eles também coordenam esses recursos. E uma ideia central dessa perspectiva multimodal é que, ao coordenar esses recursos, se cria algo que é bem diferente das partes constitutivas de cada um deles, como corpo, linguagem: se cria uma coisa que é um todo. Então, a coordenação desses recursos para construir coisas juntos está no centro dessa perspectiva dos aspectos multimodais que constituem as nossas formas de interagir com o outro e construir ações sociais, e daí o mundo social, com o outro.

Então, acho que esse é o item, assim, que eu diria que está na base. E, quando você pensa no interesse de quem olha para a interação a partir dessa perspectiva dos aspectos multimodais que a constituem, o interesse é entender como é que essa organização dos recursos multimodais constrói aquelas situações ali, mais situadas. E isso tem consequências muito grandes para pensar a linguagem, para pensar corpo, para pensar cognição, para pensar ação. A fala, por exemplo, que permite que a sua sintaxe acomode em alguns momentos, e não em outros, certos elementos espaciais ou corporais, isso requer uma organização, isso modifica a forma como a gente vê a organização da própria linguagem. Esse é um elemento central. E depois, eu acho que é isso, linguagem, interação social, cognição e corpo são implicados como noções que podem ser tratadas, cada uma isoladamente, por campos científicos muito distintos, mas, quando todos eles são lugares que produzem recursos, e que esses recursos são mobilizados, coordenados, orquestrados, de forma muito ativa e criativa, isso tem consequências para a própria forma de entender a linguagem, de entender corpo, de entender interação e de entender a cognição.

A noção de recursos multimodais é muito importante. Ela não é um inventário pronto: os recursos são esses, de gesto é isso, de linguagem é isso, linguísticos são esses, corporais são esses, materiais... Não é um inventário prévio de recursos com o qual você vai para analisar. Na verdade, é na coordenação desses recursos, em locais específicos, temporalmente falando, que eles emergem, que eles são mobilizados pelos falantes e que eles se dão a ver pelo outro, que também está a interação. Então, não se trata de pensar quais são todos os aspectos multimodais, como um inventário prévio desses recursos. Tem um elemento criativo aí que a própria interação oferece, o que vai ser, naquele momento, um recurso para aqueles participantes.



ClimaCom - Daniela Feriani – E como esses aspectos multimodais da linguagem aparecem no autismo? Qual seria, se a gente pode dizer, uma especificidade da linguagem na experiência autista? E como que essa experiência ajuda a compreender a própria linguagem ou tensionar algumas convenções do que a gente entende por linguagem, comunicação, corpo, interação?

Fernanda Cruz - Essa pergunta é muito legal, porque primeiro eu vou começar, vou dividir um pouquinho para pensar as especificidades da linguagem no autismo, vou propor uma reflexão sobre isso e, na sequência, pensar como é que, olhando a interação, a partir da pressuposição que as interações humanas são primordialmente multimodais, como que isso oferece uma lente muito produtiva para olhar as interações das quais participam pessoas autistas.

Então, o primeiro item, que é a especificidade da linguagem no autismo. O autismo, em termos de uma definição, como a gente conhece uma definição mais clínica, é uma condição do neurodesenvolvimento que produz uma rota atípica desse desenvolvimento humano no que diz respeito à linguagem, à cognição e à interação social. Como é uma condição do neurodesenvolvimento, o que vai acontecer é que, no que diz respeito especificamente à linguagem, a rota do desenvolvimento linguístico vai tomar rumos atípicos. E não só da linguagem, mas também de outros processos cognitivos relacionados àquele indivíduo, do ponto de vista de um desenvolvimento neurocognitivo.

Os estudos linguísticos têm se debruçado sobre a caracterização desses aspectos linguísticos no autismo. Então, a gente vai encontrar o entendimento como que, de forma geral, o autismo oferece uma experiência outra com a linguagem e com formas de perceber o mundo, conceber o mundo. Isso é uma forma, que eu diria, bem alinhada ao que propõe o campo da neurodiversidade, que é pensar em realidades neurológicas diversas, distintas. E, dentro dessa neurodiversidade, a neurodivergência aparece como uma divergência daqueles padrões mais típicos. Tem uma relação de tipicidade e atipicidade na ideia dessas múltiplas realidades neurológicas. Esse é um ponto.

Mas também a Linguística vem oferecendo descritivos que é para pensar do ponto de vista de elementos estruturais, da sintaxe, da morfologia, se é possível fazer uma caracterização real desses componentes da linguagem no autismo, do ponto de vista da figuratividade da linguagem, metáforas, implicaturas e a correlação entre linguagem e teoria da mente que estaria afetada no autismo. Então, essas são agendas existentes. Essas agendas de uma caracterização de como é a linguagem, dos diferentes níveis da linguagem no autismo, vão ajudando a entender o que, nessa rota do desenvolvimento, vai se mostrar diferente, que outra caracterização tem aí.



Os estudos mais clínicos, fundamentados em uma caracterização da linguagem em termos dos déficits, vai procurar entender se podemos falar em marcadores linguísticos do autismo, ou seja, aqueles elementos linguísticos que estão sistematicamente alterados. A perspectiva clínica fala em termos de déficits justamente porque ela está na contraposição entre um funcionamento típico e um funcionamento atípico da linguagem, porque ela está orientada também para isso, para a identificação de marcadores de diversas ordens, daí os linguísticos podem ser marcadores ou não, para identificar como isso vai subsidiar um diagnóstico clínico e, finalmente, como isso vai orientar práticas terapêuticas mais orientadas para um indivíduo com um perfil ou outro perfil. Esse é o universo mais geral quando a gente pensa em especificidades da linguagem no autismo.

Agora, o autismo tem uma heterogeneidade muito grande, então isso é um elemento importante para entender o autismo, que é uma heterogeneidade muito grande dentro das próprias expressões do autismo e isso para vários campos específicos da interação social, do comportamento, das funções cognitivas, das dimensões da vida social e de linguagem. Essa heterogeneidade também oferece muitos desafios para a pesquisa porque você não vai caracterizar: é uma questão que afeta a sintaxe, é uma questão que afeta a interação social em termos, nessa lógica, nessa sintaxe que eu diria nebuloso, afetar.

Uma outra forma de pensar a linguagem no autismo é pensar que a linguagem não acontece autonomamente, de forma individual, ela não acontece apenas como uma faculdade mental na mente de um indivíduo, ela também acontece na linguagem em uso, nas formas como a gente existe no mundo, constrói esse mundo, interage com ele, interage com o outro, interage com um conjunto de sistemas de crenças, um sistema de práticas. Então, essa linguagem em ação, digamos assim, em interação, quando ela está no centro da nossa atenção, a gente se desloca um pouquinho, então a gente se desloca da ideia de déficit ou da ideia de lacuna e vai muito mais para a ideia de como as pessoas em relação interagem umas com as outras e essa interação exige uma coordenação de sociabilidades que podem ser distintas. Essa coordenação pode exigir um esforço maior da parte daquelas pessoas que estão ali construindo coisas juntos naquela interação, mas também essa interação é um locus próprio em que normatividades situadas vão se construindo. Então, uma coisa é pensar a linguagem de um sujeito autista e outra coisa é pensar pessoas autistas e pessoas não autistas em interação e como é que essas interações acontecem.

E daí eu acho que isso desloca bastante o entendimento, que fica muito assimétrico, de que toda a carga da interação fica, ou se ela acontece, entre aspas, de forma bem sucedida ou não, fica a cargo



daquele que traiu uma lacuna nos componentes da interação social da linguagem. Seria muito reducionista imaginar assim. Agora, quando você tenta entender como que, nessas interações, as pessoas coordenam distintas sociabilidades, dentre elas, padrões de sociabilidade que algumas pessoas podem conhecer ou não e, então, considerar mais convencionais, mas, em outros padrões de sociabilidade, menos conhecidos, e o trabalho de coordenação se dá a ver na interação. Ele pode ser mais ou menos favorável à participação das diferenças nas interações, aos encontros. A antropologia vai falar desse encontro genuíno na diferença.

Algumas interações podem se assentar em concepções de interação muito presentes e muito padronizadas. Então, você vai para a interação também com essa ideia do que é a interação, projetando ali o que vai ser. Mas esses participantes vão precisar negociar, no sentido amplo da negociação, esses padrões de sociabilidade distintos. Isso não fica a cargo só do chamado esforço do sujeito autista, que tem lacunas em padrões de sociabilidade. Isso talvez não seja assim.

ClimaCom - Daniela Feriani – Tem aquele seu texto: “Investigar a interação no autismo a partir de uma perspectiva linguístico-interacional”. Esse já está publicado?

Fernanda Cruz - Sim, está publicado na revista do GEL, que é Grupo de Estudos Linguísticos. Foi publicado em 2025.

ClimaCom - Daniela Feriani – Esse texto traz bem isso que você estava falando, né? Vai contar várias interações entre uma pessoa autista e uma pessoa não autista. E vai mostrando como, nessas interações, aparecem palavras desconhecidas pela pessoa não autista, as indicações com o corpo, todas as indicações que o autista faz com o corpo para ter essa interação, os apontamentos de lugares, de objetos, as repetições de sons, repetir as palavras. As tentativas de adivinhar de ambas as partes, autista e não autista. Então, eu acho que é um texto que traz muito essa relação da linguagem como essa troca intersubjetiva, que nos convida a olhar para a linguagem menos em seu caráter referencial, como um código semântico a ser decifrado, como essa busca do gramatical, do significado, do sentido, e muito mais a linguagem como esse experimentar o mundo, como esse modo de engajamento que se cria na relação com o outro. E de criar, então, uma maneira de interagir com o outro sem que isso passe necessariamente pelo sentido.

Acho que é aí que torce um pouco essa ideia de uma interação prévia. Porque é uma forma de



comunicação que não passa necessariamente pelo significado, pelo inteligível, muitas vezes o sentido não é alcançável. E, aí, quando o sentido não é alcançável, o que, então, se alcança? O que se alcança é essa possibilidade de se relacionar com o outro, de se permitir engajar com o outro, a partir do corpo, do gesto, dos sons, da repetição de sons, das tentativas de adivinhar, de todo esse movimento como uma tentativa de validar e de legitimar aquela interação com o outro, com o que o outro quer dizer, com o que o outro quer expressar.

Isso é interessante porque eu acho que esse tipo de interação é um convite, assim, para a pessoa não autista também se colocar num lugar de vulnerabilidade, de um não sentido, de uma busca, de um não saber. Não está dado de antemão esse saber e, às vezes, não se encontra esse significado. Mas a relação acontece mesmo assim. O encontro com o outro acontece, mesmo que não se atinja o significado. Então, a linguagem deixa de ser essa parte mais do inteligível, do codificável, do gramaticalizável, não sei se existe essa palavra, e passa muito mais a ser a linguagem de um acontecimento, como um estar junto, como uma interação para além do significado. Eu acho isso bem interessante. E é claro que isso não quer dizer que não há falhas, que não há ruídos, que não há mal entendidos - aliás, como qualquer forma de comunicação que está sujeita a isso, sendo autistas ou não -, mas ver a possibilidade de criar esse espaço em comum e de criar com as falhas, com os ruídos, com as lacunas, esse engajamento com o outro. Então, a desconexão de ordem linguística não implica uma desconexão de outra ordem. Porque mesmo havendo, eu acho que o texto mostra isso, mesmo quando há uma desconexão linguística, não quer dizer que não terá uma conexão de outro modo. Acontece a conexão, mesmo que haja uma desconexão dessa linguística mais convencional, talvez, não sei, dessa coisa mais da gramática, mas que passa por uma outra ordem, de um estar junto, da ordem de um desejo, de um querer se engajar com o outro, nessa direção de uma linguagem não referencial. E aí, nesse sentido, você participa de alguns projetos muito interessantes na parte da dança, das artes. Você tem projetos com artistas da dança, como a Toshiko Oiwa e a Lu Favoreto, que está aqui também ouvindo a gente. Um projeto que chama “Escutar o Não Verbal”, que é um projeto muito relevante, muito interessante, que nasce de uma relação entre mãe e filho, da Toshiko com o filho Kae. Kae é um menino autista, também tem síndrome de Down e é não oralizado. Então, como que eles vão, como que mãe e filho vão compondo uma relação que não se dá por palavras? Mas que se dá, principalmente, pela dança. A dança passa a ser a linguagem entre eles. Então, eu queria que você falasse, Fernanda, sobre esse projeto. Como tem sido participar dessas oficinas, como que essa



experiência na área da dança, das artes te ajuda a pensar também nos seus temas de pesquisa?

Fernanda Cruz - São duas parceiras de trabalho que já vêm se construindo há algum tempo. Como é que a gente faz o encontro entre quem está interessado na interação social, na interação humana, pensando os elementos, pensando uma interação encarnada, corporificada, espacial, materialmente e a dança que, pra quem é desconfiada da linguagem, dessa linguagem que informa, essa linguagem mais logocêntrica, essa linguagem de sentido, aparentemente de sentido prévio. A dança desconfia disso sem problemas, porque tem uma aposta muito apoiada no corpo. Então, essa procura por interações apoiadas no corpo, essa formulação, inclusive, uma existência apoiada no corpo, é uma formação que traz Fernand Deligny numa experiência.

Fernand Deligny é um pensador francês que vive na França, está lá, entre os anos 60 e 80, convivendo ativamente num espaço de convivência com crianças e adolescentes autistas que não faziam uso da fala, que não faziam uso da fala nas suas interações, muito antes da reforma antimanicomial, muito antes de pensar o refinamento do diagnóstico do autismo, onde o que se tinha como cenário possível para essas pessoas autistas era uma institucionalização sem o entendimento da condição do autismo, como se tem bem melhor hoje. Então, Deligny se vê num ambiente em que a linguagem verbal, a fala, não serve como canal comum entre eles, de comunicação, não é um recurso comum entre eles. E eles [Deligny e os colaboradores] acabam abolindo a linguagem verbal. Isso vai produzir uma série, uma videodocumentação muito grande dessa experiência, dessa vivência não verbal, digamos assim, sem a presença da fala, mas ele vai dizer, muito apoiado no corpo e no espaço, e ele vai criar uma forma de observar essas interações entre essas crianças autistas e os adultos não autistas via uma transcrição que é espacial.

Esse material fez uma liga muito produtiva com o que, no Estúdio 8 Nova Dança, a Lu Favoreto já vinha trabalhando, que é, através da dança, essa existência apoiada no corpo, esse conhecimento pelo corpo, na coordenação motora. E desconfiar da linguagem como exercício. A gente desconfia dela porque, quando ela não está dentro dos padrões típicos mais conhecidos, não assumiu sua rota de desenvolvimento mais típico, você precisa começar a olhar essa linguagem e desconfiar dela também.

Quando a gente começa a juntar os campos, a dança e o trabalho de Linguística voltado para as interações numa perspectiva multimodal, uma perspectiva mais corporificada, material da interação humana, envolvendo a experiência de contextos, pessoas autistas e não autistas e, sobretudo, quem era autista que não fazia uso da fala nas suas interações, a gente começou a ir



juntando esse... Um vocabulário, eu acho. Então, de um lado, os conceitos para cada campo estão enquadrados dentro dos seus campos de trabalho específicos, mas a gente passa a juntar esse vocabulário, digamos assim. Ao juntar esse vocabulário, a gente começa, por exemplo, a entender que o sentido prévio não é um problema apenas para olhar as interações. Então, se eu vou olhar as interações assumindo um conjunto de pressuposições do que é co-presença, do que é engajamento, do que é estar junto, conjunto... Isso não pode ser um pressuposto de forma, por exemplo, co-presença é isto e os sinais de co-presença são esses. Mostrar engajamento é assim e os sinais de mostrar engajamento são esses. Reciprocidade é isto e mostrar reciprocidade é deste jeito. Mas, imaginar que aquelas pessoas que estão em interação fazem emergir formas de engajamento, de reciprocidade, de co-presença, no encontro é um assunto comum na dança.

Então, eu fui aluna, também tem que dizer isso, fui aluna da Lu na dança contemporânea e era muito legal, havia um toque assim no procedimento da dança que a Lu fazia, que era assim, quando você está fazendo uma investigação de um movimento, cuidado com a figura, para ela não vir antes. Porque se a figura vem antes, o seu corpo toma esse atalho e não faz a investigação do trajeto que ele faria. Então, a figura é essa que vem antes da experimentação do corpo. Essa ideia era muito interessante porque, livremente transportando, você não olha a interação a partir dos padrões normativos de como deve ser uma interação.

Tem um pensador, um teórico, que é muito fundamental no campo da análise da conversa, que tem aqui outros professores e pesquisadores que são pessoas bem consolidadas nesse campo da análise da conversa, das interações, e o nome dele é Schegloff [3]. Ele vai responder a uma reflexão sobre a quantificação de dados, quantos dados seriam precisos nessa lógica de perspectiva qualitativa ou quantitativa. Tem um momento em que ele fala assim, para o interacionista, aquele interessado na interação, basta ela ter acontecido uma vez para a gente se interessar pela interação que aconteceu ali. Então, a interação tem uma coisa, nesse sentido, poderia fazer uma pontualidade de acontecimento, mas o que aconteceu ali, embora esteja totalmente inscrito em referenciais socioculturais reconhecíveis, em sistemáticas reconhecíveis, sempre que acontece, ela é inédita, porque ela é muito situada. A noção do situado permite justamente ver esse conjunto infinito de possibilidades de organizar as nossas interações no mundo.

E quando a gente vai para a prática da dança, o caráter inédito do encontro, o caráter que vai acontecer quando ele estiver acontecendo, ajuda muito a pensar na qualidade de construção de



co-presença, é como se você calibrasse, a dança ajuda a calibrar um olhar para a qualidade de movimento, para o que significa construir co-presença, o que calibra esse olhar profissional da dança, se é uma visão profissional da dança, que fala, hum, ali aconteceu, o que? Ali aconteceu. E esse é o lugar em que, se eu estou interessada nessa interação em que a linguagem não participa da forma mais típica, eu gostaria de um exercício que calibrasse o meu olhar, mas que se calibrasse também pela experimentação do corpo e não mentalmente. Observar de fora esse corpo.

Esse projeto “Escutar o não verbal” é idealizado pela Toshiko Oiwa e pela Lu Favoreto, é uma suspensão... São oficinas de dança voltadas para pais ou cuidadores e seus filhos neurodivergentes e aí podem ter condições muito variadas, síndrome de Down, autismo, outras condições específicas, cognitivas, e, durante essas oficinas, há um convite a suspender o verbal, é um convite porque a gente vai sentir momentos em que ele vai vir, mas, ao suspender o verbal, isso vai dando lugar para a emergência de outras formas, de construir coisas juntos e essa é uma grande entrada desse trabalho que aposta muito no corpo, no movimento, numa temporalidade, no espaço, coisas que estão fora do que a gente vai chamar de uma certa normatividade. Então, por exemplo, não há, no espaço daquelas interações ali organizadas pela atividade de dança, o entendimento de que o não contato visual direto é sinônimo de não reciprocidade, então, ali, ele não é problemático, no sentido que isso leva dos participantes uma necessidade de acordo sobre esses padrões que vão dar visibilidade a se o outro está atento ou está engajado. Você pode ter uma situação em que estão todos de olhos fechados, por exemplo.

A outra situação é que, logo depois desses encontros, mesmo quando se fazem atividades mais organizadas, como uma roda de conversa, em que o verbal acontece, acabou o momento e o verbal vai acontecer, em que as pessoas podem, se quiserem, compartilhar a sua experiência ali daquele momento. É curioso que vai ter uma formação do espaço interacional em que pode haver uma roda de conversa aparentemente bastante estruturada nos padrões mais convencionais da conversa que a gente pode imaginar, de uma roda de conversa, mas ela tem uma borda muito ativa em que essas crianças e adolescentes, autistas, por exemplo, vão passar no meio, entrar e sair e que vão participar de momentos específicos de alguma forma e voltar.

Isso faz com que você olhe para aquilo e fique sempre inspirado nesse ambiente que permite essa coexistência de corporalidades muito distintas, de temporalidades muito distintas, de sonoridades muito distintas e a linguagem alçada, quer dizer, rebaixada ou alçada, eu já não sei qual que é o movimento, a noção de sonoridade, de materialidade é muito interessante porque aí você não quer



dela o sentido apriorístico, você quer correr desse sentido mais apriorístico porque ali ela cabe como uma sonoridade que acontece na coordenação com outras coisas. Então, se você pensar no espaço de uma sala de aula em que a ideia de atenção precisa organizar também esses corpos, como a gente conhece atividades que é assim, aquele lugar específico se organiza dessa forma. Naquelas interações, alguns alunos passando, andando, cruzando o espaço poderiam, naquela normalidade mais situada, ser um problema.

O lance não é se é ou não é um problema, o lance é como é que, ampliando nossos contextos interacionais, a gente vai olhar as interações, a gente vai vendo como é que os participantes mobilizam recursos naquela interação e naquela ali específica: passar no meio enquanto falas estão acontecendo não é passar no meio enquanto falas estão acontecendo... Tudo compõe uma ecologia muito situada e aí as pessoas que estão ali experienciam a noção de interação como uma experiência, experienciam outras possibilidades de interação. Ela pode ser de cinco segundos e, aí, é como a dança, o encontro pode acontecer em cinco segundos, mas, uma vez que ele aconteceu, ele aconteceu. E aí eu volto para essa ideia, que eu acho que o Schegloff faz essa formação, eu gosto muito, que é: basta ter acontecido para nos interessar. Se aconteceu, nos interessa. Tem uma coisa de ser realizado, de acontecer, e isso se faz mutuamente, sem combinados pré-estabelecidos.

ClimaCom - Daniela Feriani – Eu lembrei de outra conversa com você também [4], em que você fala da relação da coreógrafa, da dançarina francesa, a Mathilde Monnier, com a Marie-France, que é uma autista não oralizada, e aí a Mathilde, como profissional da dança, se propõe a fazer uma dança com a Marie-France, e é muito interessante no documentário [5], na fala da Mathilde Monnier, que ela vai dizer que tem essa preocupação: será que ela vai dançar? Será que a Marie-France, sendo autista, não oralizada, será que ela vai dançar com a coreógrafa, a dançarina profissional? Será que elas vão formar uma dupla? E aí a Mathilde Monnier percebe que essa não é uma boa pergunta, porque o que ela, e aí ela fala uma coisa muito interessante que você traz, que ela, a dançarina profissional, precisou entender que ela precisou criar um outro corpo. E isso eu acho muito interessante, porque, assim, o próprio corpo não está dado de antemão. Quando ela entende que ela cria um outro corpo nessa relação com a Marie-France, então ela deixa de ter essa preocupação, será que ela vai dançar comigo? Será que somos uma dupla ou não? Porque isso só a Marie-France poderia dizer, do jeito dela. E aí, então, ela cria outro corpo nessa



interação.

Eu acho bem interessante isso, porque eu acho que a dança, as artes, no geral, são esse espaço de acolher o risco, de você poder se arriscar, acolher o imprevisto, a experimentação, acolher esse encontro pleno com a diferença, com o outro, com as outras existências, com as outras corporalidades, temporalidades. Então, por isso, eu acho que esse projeto realmente é muito potente, porque abre muitas frestas para pensar no não-verbal, nesses modos de criar relação, que eu acho também que é um lugar também da poesia. E aí eu gosto muito do Manoel de Barros, porque ele está todo momento torcendo a linguagem para levá-la para um outro lugar, para sair do campo do referencial, porque, para ele, enfim, a poesia não é para entender. A poesia é para incorporar. A poesia não se entende, não se explica, ela se incorpora. Então, não é nesse lugar do sentido, de algo a ser explicado, mas está no lugar da invenção, da criação, do criar junto com o outro, do experimentar, para alargar o mundo.

Inventar é alargar o mundo, ele vai dizer. Isso é muito lindo, como que, nesse encontro com o outro, a gente se permite inventar o mundo, inventar o próprio mundo, alargar as próprias convenções. Na minha experiência como pesquisadora, com demência e também agora com neurodivergência, eu sinto muito isso, que eu alargo os meus próprios conceitos, como a pesquisa com essas pessoas sacode as convenções do que a gente considera como linguagem de antemão, corpo, o outro, presença, comunicação, etc. E aí tem uma frase do Manoel de Barros que ele vai dizer: “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê”. Esse transver, né? Você desloca a coisa do seu significado original para colocá-la num outro lugar, num lugar de invenção, que é o que a criança faz com a brincadeira. A brincadeira é esse lugar, a dança também faz isso. Outra frase dele: “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis”. Ou seja, uma cadeira não quer mais ser só uma cadeira, que chato que é ser só uma cadeira que tem a função de sentar. Uma cadeira quer ser também uma nave espacial. O cabo de vassoura quer ser um cavalo. Uma toalha quer ser uma capa de um super-herói. Então, esse transver que desloca o sentido original da coisa e permite que essa coisa seja muitas outras.

E aí, como ele vai definir, como vai definir as coisas, que eu acho que isso também tem uma semelhança com um modo de pensar de alguns autistas. Tem uma frase do Manoel de Barros, que ele vai dizer: “sapo é um pedaço de chão que pula”. Acho incrível isso, sapo é um pedaço de chão que pula. E aí me lembrei da Temple Grandin, quando ela vai dizer que relacionamentos são portas deslizantes, são portas de vidro deslizantes, que precisa ter cuidado para passar,



senão quebra. Então, assim, como que muitos autistas, na dificuldade de encontrar o nome, o conceito, a palavra, buscam por descrições daquela coisa e que são descrições incríveis, assim. E aí, o que importa não é o nome em si, mas é a história que você cria por trás da coisa, do nome, do objeto, e a relação que você tem com aquele objeto. Então, para Temple Grandin, o relacionamento é um conceito difícil de entender e ela vai entender dizendo que é uma porta de vidro deslizante que pode quebrar. É incrível isso, né? Porque mostra como a linguagem passa a ser um modo de engajamento com as coisas, com o mundo.

E a descrição entra, que é a história, e a descrição entra muito mais, é mais importante do que o nome em si, do que o conceito em si, a palavra que muitas vezes foge. E aí, só mais uma outra frase do Manoel de Barros, que ele vai dizer assim: “A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos”. Então, que ótimo se toda a terapia fosse assim! Desarrumar a linguagem para que nela caibam os desejos, que são, afinal, tudo o que realmente importa. A linguagem como a expressão do desejo, de um estar junto, de uma interação com esse outro.

Fernanda Cruz - Sim, eu acho que é isso. Eu acho que tem uma coisa muito interessante que é esse crescente, cada vez mais crescente, essa produção cada vez mais crescente de uma literatura, de uma produção do conhecimento feita por pessoas autistas, que descrevem, formulam, refletem, organizam, compartilham suas experiências com linguagem. E desse lugar, né? Na relação entre mente, linguagem, percepção e percepção do mundo.

Eu acho que essa literatura muito crescente tem oferecido subsídios muito legais para provocar o que a gente tem nas teorizações sobre linguagem. Então, assim, as teorizações sobre linguagem, ou as teorias, as ciências da linguagem, ou pensar a linguagem... É clássico isso no campo da Linguística, que é multifacetada a linguagem. A gente pode entrar por ela e olhar elementos dela de várias entradas diferentes. Muito dificilmente você vai ter alguma perspectiva que dê conta desse todo que é a linguagem, mesmo que ela também tenha sua especificidade chamada Linguística, mas, ainda assim, ela faz outras pontas.

Você falou da Temple Grandin, também tem um material, que é publicado pelo Luiz Henrique Magnani junto com Gustavo Rückert, que é um enorme convite a pensar isso. Quando se traz a experiência da Mel Baggs, uma autista que produz um conjunto de sentidos a partir de sensações, a partir de elementos sensoriais da relação dela com o mundo, invertendo essa lógica, essa lógica do que o Manoel de Barros chamaria, assim, de uma oferta do razoável sobre uma ideia de



linguagem, ali é o momento em que, quando esses materiais aparecem, o que a gente tem para dar conta explicativa disso? Que lugar é esse da cognição humana que a linguagem, na sua externalização, na sua forma externalizada, como a fala não está disponível, ao mesmo tempo que um conjunto de outros recursos, como a escrita, outras tecnologias que são suportes ampliam essa possibilidade de externalização sem imaginar que o que a gente tem, a linguagem essa que se expressa, né? Linguagem expressiva não é a externalização direta do pensamento. Isso seria queimar aí umas etapas de processamentos que correlacionam linguagem e pensamento, mas uma coisa não é a outra direta. É legal imaginar que as artes e a literatura têm promovido desde sempre essa reflexão sobre os sentidos, sobre subjetividade, sobre sujeito, sobre o outro, sobre mundo, sobre sensações e existências em geral.

E a gente vai buscar nisso um respiro para ver melhor. Como na antropologia, você fala bastante disso, né? Para ver melhor, para entender melhor nesse sentido. E eu fico pensando como que, paralelamente, há uma produção descritiva da linguagem frente aos referenciais teóricos que a gente tem hoje. Quando se pensa em linguagem e autismo, há um componente de produção de conhecimento da linguagem vindo da literatura, da experiência de pessoas autistas refletindo sobre linguagem, que é muito rico. E a linguagem tem se prestado a isso, né? Você usa a linguagem para falar da sua própria experiência com a linguagem, você não usa outra coisa. E essa produção tem mostrado formas, as chamadas outras formas de organização cognitiva e mental, elas vão se dar a ver também passando por elementos de linguagem, ou seja, você relata essa experiência. Não é um acesso direto à mente, mas ele é um compartilhamento experiencial com a linguagem. Esse mesmo que a gente tem em interação.

Então, quando há um desencontro numa interação de uma pessoa autista e uma pessoa não autista, que a coordenação, para a interação acontecer, exige movimentos de todas as partes, como na dança da Mathilde Monnier, no documentário *Le Bruit Blanc*, esse trabalho com uma jovem autista que se chama Marie France. Quando esse trabalho acontece, dessa coordenação que vai exigir muito esforço, a coordenação para estar junto exigiu deslocamento também desse indivíduo que supunha ter todos os seus referenciais de interação e de linguagem bem estabelecidos, bem estáveis. Então, na verdade, o encontro oferece uma oportunidade de criatividade muito grande de sociabilidade. E isso tem sido muito caro, que é, na relação entre linguagem e cognição, interação e cognição, a cognição é o nicho de emergência de sociabilidades. Há interação, ou seja, um externo.



E aí tem alguns textos que vão falar disso. A interação como o coração da emergência da cognição humana. E tem um filósofo mais pragmático que chama, eu não sou especialista nesse filósofo, eu encontrei essa frase dele num texto sobre o corpo no autismo, de uma autora que se chama Olga Solomon. E esse filósofo, Richard Rorty, talvez algumas pessoas conheçam, mas eu não sou especialista nisso. Sei só que o pai dele era um dos secretários principais do Trotsky, eu acho que já é interessante. E ele fala uma coisa assim: se o corpo não fosse... Se o corpo fosse mais fácil de entender, a gente nem tinha pensado, notado que a gente tem uma mente. E eu acho uma super sacada, porque se faz muitas apostas na mente, explicativa, modelos mais abstratos, especulativa e tal, e se abandona o corpo, de certa forma, e toda uma existência corporal. Mas aí você vai, ele vai dizer, se o corpo fosse mais fácil de entender, a gente nem tinha percebido que tem uma mente. Então ele joga uma enorme complexidade nessa nossa existência experimentada corporalmente. E aí você abre para essa poesia que também quebra a linguagem para sensorialidades dela, para sonoridades dela, para inverter os sentidos que ela pode fazer, para dar efeitos de sentidos novos, estruturas inéditas ali. Então acho que estou fazendo uma ponte aí, que a gente vai na literatura e nas artes, mas a gente, mesmo nas interações neurodiversas, tem também a possibilidade de criar, fazer, estar experiencialmente na emergência dessas novas sociabilidades. E ela vai requerer bastante suspensão de alguns lugares mais enrijecidos de interagir. Porque a interação sozinha, ela mesma, coitada, ela tem estrutura para ser mais negociada do que os padrões interacionais com os quais chegamos nela às vezes.

ClimaCom - Daniela Feriani – É, eu estou com um projeto, que eu até faço um convite para vocês conhecerem, que eu tenho entrevistado autistas que são escritores. E aí está sendo muito legal, assim, eu estou com uma coluna na revista *ClimaCom*, que chama “Entre Mundos”. É uma revista disponível online e tem várias entrevistas lá que eu já fiz com autistas que são escritores, poetas e essa relação com a escrita. Tem, por exemplo, o Murilo, que não é oralizado, mas é um escritor. E como a escrita ocupa esse lugar da expressão para ele, é muito interessante isso. E com essa relação de algumas características do autismo contaminarem a própria escrita, a própria linguagem, a poesia.

E aí, por outro lado, você falou na Mel Baggs, eu estava pensando nela, porque o vídeo da Mel Baggs, que chama “Na Minha Linguagem”, quem ainda não assistiu, assista, também está disponível online. E é genial o vídeo, porque, enfim, só resumidamente, na primeira parte do



vídeo, é ela interagindo com os objetos. Ela passa a maçaneta na porta, na cortina, pega o livro, cheira o livro, lambe o livro, pega uma caneta, cheira a caneta, prova a caneta com a boca, enfim. E aí, num segundo momento, que ela chama de tradução, e aí ela digita no computador, porque ela é uma autista não oralizada, ela digita no computador, e o computador que fala, tem essa voz tecnológica, o computador fala o que ela escreve.

E aí, ela vai dizer, olha, a primeira parte do vídeo é a minha linguagem. A minha linguagem não é com palavras, como é a linguagem convencional. A minha linguagem é uma maneira de ser e estar no mundo, de como eu interajo com as coisas. Então, a minha linguagem é cheirar o livro, lambe o livro, passar a mão na cortina e ficar ouvindo o som que isso faz. Não tem a palavra. E ela fala: a minha linguagem é vista como falha, não a sua, eu sou vista como falha mas e você, que não tenta acessar a minha linguagem?

E tem um momento que eu acho muito bom, que ela está interagindo com a água, a torneira aberta, e ela está interagindo com a água, tocando a água. E ela vai dizer: isso aqui não é uma metáfora. Não tem um sentido, porque a água, enfim, tem toda uma simbologia de movimento, de fluir, etc. Ela vai dizer: isso aqui não é uma metáfora, não tem que achar um significado, é apenas eu interagindo com a água. É apenas eu fazendo esse movimento pelo próprio movimento, pelo desejo do movimento e da interação. Então, eu acho muito interessante. Fica uma dica também para pensar a linguagem, enfim.

Também da parte da pedagogia, de como a gente pode pensar isso para a área da pedagogia, da inclusão, porque, enfim, suas pesquisas também chamam a atenção de professores, você já fez várias palestras e eventos em escolas, com professores, você também tem alunas que se interessam por investigar como são as experiências escolares de pessoas autistas, tanto em escolas quanto em ensinos profissionalizantes, médios, enfim. Então, eu queria que você falasse um pouco disso, como que você vê esse tema da neurodivergência na pedagogia, como você olha para esse tema, que é tão urgente, tão nebuloso, e que traz tantos desafios para as escolas, que é o tema da inclusão.

Fernanda Cruz - Sim, esse tema é essa discussão, eu acho que é legal pensar a inclusão, ela é tema, mas ela é uma discussão, ela é um conjunto de práticas, ela é uma percepção de mundo, ela é... ela precisa de uma agenda também, ela também é historicamente situada.

Eu acho que eu vou começar esse assunto da inclusão por um comentário aqui no chat, uma pessoa escreveu: “eu faço parte de grupos de autistas que conversam com poucas palavras e muitas



figurinhas, a interação se dá pelas figuras feitas e criação de figurinhas.” Então, obrigada por compartilhar um pouco esse modo.

Uma das coisas que eu tenho pensado na inclusão, batendo e voltando nessa noção da inclusão, práticas mais inclusivas, menos inclusivas e tal, é que parece ter havido um... a gente esquece um pouco... isso na inclusão escolar, eu acho que a gente está especificamente nessa inclusão escolar. A gente está esquecendo alguns elementos da interação, que ajudam muito a pensar a inclusão. Então, não é à toa que as ideias de Vygotsky continuam tão vigentes, não é à toa que as ideias de Paulo Freire também continuam tão vigentes, quando Paulo Freire vai falar que ensinar é criar oportunidades de construção do conhecimento. Então, é uma formulação, assim, uma síntese, ensinar é criar possibilidades de construção do conhecimento, então criar possibilidades de construção. E eu fico fazendo sempre um paralelo entre... quando a gente vai para as interações no mundo, as interações acontecem em ambientes materialmente muito complexos. Então, com objetos, com barulhos, com várias coisas ao mesmo tempo, digamos assim.

Tem um estudo no campo dos estudos interacionais, esses abrigados da análise da conversa, de um autor que se chama Charles Goodwin. E ele tem um artigo que está publicado na revista brasileira, até pela Ana Cristina Ostermann, que está aqui também, que se chama “Multimodalidade na interação humana”. Ele faz uma coisa muito interessante. Ele pega dois contextos, que ele vai chamar de fenômenos, na verdade, e justapõe. Ele pega uma interação com uma pessoa afásica, que teve um acidente vascular cerebral e, com isso, um comprometimento importante no hemisfério esquerdo, que compromete a produção da fala, isso se chama afasia, essa afasia de produção da fala. E ele, esse adulto afásico, ele tem três palavras: sim, não, e. Ele pega as interações deste adulto, em ambientes familiares dele, e o autor e coteja isso com outro campo, que é de arqueólogos, que tem aprendizes de arqueologia e uma professora de arqueologia, e eles vão lá treinando, calibrando esse olhar para entender o que é um sinal arqueológico, uma informação específica, profissional, relevante.

Quando ele justapõe isso, imediatamente fica evidente que a sintaxe dos dois contextos vai ser de poucas palavras, digamos assim, três, no máximo, no segundo contexto, então também igual a três no primeiro, da pessoa afásica. E essa pessoa afásica, adulto afásico, ele, interacionalmente, faz o outro adulto com quem ele está conversando produzir as palavras que ele não consegue produzir por conta da afasia. E, uma vez que essas palavras estão disponíveis no ambiente, como recursos, como objetos, ele aponta ou faz sinalizações, ele opera com seus recursos corporais sobre essa



materialidade que saiu de um, se distribuiu e foi para o outro, uma noção distribuída aí.

E como no primeiro, no segundo ambiente lá de pessoas, imagina um sítio arqueológico, você tentando lá ensinar para o menos expert que aquilo ali é um sinal específico que vai criar o mundo do saber arqueológico, do conhecimento arqueológico, digamos assim. E quando Charles Goodwin coloca essas duas coisas em interação, ele se pergunta o que elas têm em comum, ele vai falar dessa criação de mundos que a interação oferece. Ele vai detalhando isso nessa ecologia que essas duas interações têm.

Pensa na inclusão no espaço escolar. Quem está trabalhando no cotidiano com a inclusão olha da perspectiva de um conjunto de desafios, esses que passam por tudo que compõe a ideia de inclusão como prática, uma inclusão como prática. Significa imaginar o conjunto de leis para garantir os acessos por leis e direitos que avançaram e precisam avançar muito mais. Pensa nos limites do espaço escolar e das necessidades de questionamento e formulações que a escola já tem o tempo inteiro. E pensa menos em território. A sala de aula é também um território habitado, construído como um território. Então, se, naquele território, os ambientes complexos de interação vão sendo reduzidos e a gente bota tudo a cargo dessa linguagem que resolve, verbal, que demanda uma organização interacional do silêncio para ela acontecer prioritariamente, de marca de atenção para ela acontecer num ambiente seguro, de que as condições de atenção estão dadas, isso torna a construção desse ambiente, de criar a possibilidade de construir o conhecimento. Ou criar oportunidades, como o Charles Goodwin mostra como é que para aquele adulto afásico, competentemente e interacionalmente, fazer o outro falar as palavras que ele precisa. E, dali, ele cria sobre essas palavras o que ele precisa.

Então, se o nosso ambiente interacional está menos poroso para formas variadas de interação, de espaço, a gente vai ficar com pouca margem. A gente vai ficar com uma margem que é um professor dando aula para 35 alunos que compartilham modelos de sociabilidade mais socioculturalmente construídos e já alinhados, alunos que também passam por fases maturacionais dos desenvolvimentos das crianças e tal, e um ou dois ou três que não compartilham desses padrões interacionais e que são vistos como um fora. Não está naquele território. Ao passo que quando a gente sai, digamos assim, a gente vai vendo essas interações nesses ambientes complexos acontecendo de formas... com muitos recursos acontecendo ao mesmo tempo.

Então, eu tenho pensado muito que, nos trabalhos que eu tenho feito, em várias conversas com escolas, com educadores, é como se a gente voltasse para um elemento que é muito familiar do



educador, que é pensar a interação social. Esse elemento está lá. Ele é o elemento comum já de conversa com esse educador. E aí a gente vai chegando naqueles outros elementos. Então, por exemplo, as perguntas no formato como fazer, elas são muito legítimas. Como fazer? Então, como fazer é uma produção de conhecimento. O como fazer precisa vir com mais coisas. Por exemplo, desenvolvimento de habilidades motoras; Ou letramento; Alfabetização de pessoas que não fazem uso da fala, que não estão oralizadas, não fazem uso da fala. Ou, por exemplo, o exemplo das figurinhas aqui: recursos multimodais, nesse sentido multimodais, como modos de suportes textuais também. Aí multimodalidade já está em outro conceito. Mas, mesmo esses recursos multimodais, por exemplo, quem faz uso de Comunicação Aumentativa e Alternativa, é muito importante, porque, na verdade, ela traz uma materialidade que podem ser telas, que podem ser suportes mais ou menos automatizados, digitais, que podem ser suportes materiais como pranchas, com figuras e tal. Tem um conjunto muito grande aí desses sistemas, chamados mais ou menos robustos, do que eles permitem de concatenação até gramatical e tal. Mesmo esses dispositivos de Comunicação Aumentativa e Alternativa, esses dispositivos materiais, vão depender intimamente da interação para construir um tecido intersubjetivo ali, para eles fazerem sentidos. Mesmo eles. Então, nunca é no sentido de uma substituição.

Eu vejo muito, nos contextos de sala de aula, uma coisa muito bacana, que é as crianças que não são o público da chamada inclusão, do ponto de vista de pessoas com deficiência, essas outras crianças ampliando o próprio olhar delas de interação e de mundo material que já está ali, quando elas são convidadas a interagirem com as crianças e os estudantes usuários desse sistema de Comunicação Aumentativa e Alternativa. É curioso, porque as crianças brincam com brinquedos juntos, com materiais juntos, fazem coisas juntos, se ajudam nos suportes juntos. E aí o entendimento de que esses materiais, embora seja um sistema aumentativo para aquele indivíduo que não faz o uso da fala, mas ele é também um elemento que passa pela interação daqueles participantes daquela comunidade de práticas ali dentro, se a gente for pensar no ambiente da sala de aula.

Então, eu acho que a inclusão, ela é mesmo assim, seriamente, a Donna Haraway vai falar da ideia de ficar com o problema como uma postura ética. Eu acho que é isso, é ficar com a questão, com a problemática, com a agenda da inclusão como uma perspectiva ética. Se, naquele momento, eu não sei o que fazer, eu fico com a questão, eu fico com o problema, eu fico com a interação, eu fico com a construção de reciprocidade. Mas não no sentido de atropelar, porque ela não é de solução imediata. A gente está falando de sociedade normativa, a gente está falando de sociedade



metassimétrica do ponto de vista dos recursos materiais, a gente está falando de projetos políticos pedagógicos que não são consensuais, a gente está falando de graus de informação que ainda não chegaram para todos, de acesso a essas informações.

Então, por exemplo, muitas pessoas falam ainda, é impressionante, que o autismo está ligado à vacinação, que o autismo com um nível menor de suporte é uma questão de comportamento que poderia ser resolvido com mais rigidez dos pais, como educação. Então, a gente está precisando alinhar tantas coisas, a gente precisa alinhar as informações, a gente precisa alinhar os acessos, a gente precisa fazer avançar as leis e os direitos, a gente precisa fazer avançar equidades, equidades materiais, equidades de acesso, equidades de formação. Então, assim, o contexto em que a inclusão vai sendo pensada e tem sido pensada por muitos pesquisadores que se dedicam ao tema, de forma exclusiva, e tem um elemento que é central ali, quando a gente fica com o problema como postura ética, você se implica naquilo como alguém que interage nesse mundo.

Eu acho que o que eu vou pensando cada vez mais sobre inclusão é muito oferecido pelo que eu vou pensando cada vez mais de interação. Até quando elas não acontecem, elas acontecem, do ponto de vista interacional, até quando se busca a interação colocando toda a maquinaria que a gente tem de alternância de turno, fazer perguntas, reparar o que o outro disse, tentar entender mal entendido, insistir em perguntar para ver se o outro olha e tal. Quando você bota toda a maquinaria em funcionamento e, aparentemente, ela não funcionou, ali você já está fazendo a interação acontecer. Então, eu acho que é raro o lugar que você fala em relações de co-presença, em que as pessoas são convidadas para um foco comum, não aprender, estamos aqui no ambiente para dar a sala de aula. É difícil imaginar vários eventos de interação, difícil imaginar que não aconteçam vários eventos de interação. A gente pode não notá-los, mas vários eventos vão acontecer. E o evento de uma criança colocada no canto da sala como alternativa organizacional para facilitar o trabalho com os demais também informa para os demais as organizações espaciais que a gente faz no espaço da interação e como lidar com a diferença. Então, a gente está toda hora informando a partir de decisões que a gente toma na construção de espaços interacionais coletivos.

Tem um trabalho que eu pude fazer com a Andreia Rodrigues, que terminou a tese de doutorado dela, com uma jovem autista. Essa tese de doutorado foi feita com jovens autistas do Instituto Federal. Então, jovens já entre 15 e 18 anos. E uma jovem autista recebe, numa matéria escolar, a nota 10, sendo que ela sabia que não era 10. Então, é muito interessante porque ela se questiona pelo 10. Ela vai falar do direito dela de ser avaliada. E é muito sofisticado isso. E, ali, ela movimenta



todo um espaço coletivo que transcende a relação dela com o professor para falar sobre o que é o direito de ser avaliada, mesmo com uma condição cognitiva específica. Então, ela não está falando sobre ser incluída e receber um 10 de uma matéria e resolver o problema. Ela está falando de algo semelhante ao que a Donna Haraway vai falar. Ficar com o problema. Eticamente falando. Então, eu acho que as práticas de inclusão, os exercícios de práticas de inclusão fazem a gente se confrontar com exercícios éticos enormes, de corresponsabilização de espaços coletivos, de construção do comum, de construção de engajamento, de construção de reciprocidade, de alargar mundos, alargar padrões de sociabilidade. E isso não tem nada de utópico. Isso é super concreto. Porque é um encontro com outros. Encontros são concretos. Eles têm tempo. Eles têm espaço. Eles têm duração. Eles têm organização. Eles têm corpo. Têm sentidos, enfim...

ClimaCom - Daniela Feriani – Muito obrigada, Fernanda, foi uma ótima conversa!

Fernanda Cruz – Sim, foi muito boa mesmo, eu que agradeço!

[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br / Instagram: @soproseassombros

[2] Usei TurboScribe para fazer a transcrição do áudio. A revisão do texto foi feita por mim, sem uso de IA. Fiz adaptações para a versão escrita, mas mantive algumas entonações e marcas próprias da oralidade para não perder de todo a atmosfera de uma conversa ao vivo, tal como foi.

[3] Emanuel Schegloff, no artigo “Reflections on Quantification in the Study of Conversation”, 1993.

[4] Numa conversa sobre o filme TAO KAE, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IOxhTR52sAE&t=195s>. Acesso em 15 de outubro de 2024.

[5] No documentário *Le Bruit Blanc*.